

A NEUROLOGIA GILLETTE

(vista por um paciente)

“Uma clínica cura os pacientes. Uma comunidade que cuida ampara as pessoas.”

I. Patologia neurológica

Todos tinham medo de perder o coração.

Durante séculos, o coração foi considerado o centro da vida, a sede dos sentimentos, da força e da coragem. Quando o coração parava, tudo acabava.

Depois, a humanidade começou lentamente a entender que havia outro soberano.

Silencioso.

Invisível.

Absoluto.

O cérebro.

Bastava observar famílias, amigos, conhecidos, a passagem das gerações e a chegada da doença para entender uma verdade simples: o cérebro governa tudo.

Cada movimento.

Cada palavra.

Cada lembrança.

Cada esperança.

Quando o cérebro se altera, não é só uma parte do corpo que sofre. Sofre o sistema humano inteiro.

Por muito tempo, a resposta foi o medo.

As pessoas atingidas por doenças neurológicas eram isoladas, escondidas, muitas vezes pouco compreendidas e ainda menos ajudadas. As famílias enfrentavam sozinhas um peso enorme. O conhecimento médico era limitado, e as instituições especializadas quase não existiam.

Parecia uma batalha destinada à derrota.

Depois veio o tempo da compreensão.

A humanidade entendeu que não estava diante de casos isolados, mas de um dos grandes desafios da própria existência.

Parkinson.

Alzheimer.

Doenças degenerativas.

Lesões neurológicas.

Traumas.

Doenças raras.

Condições congênitas.

Nomes diferentes para a mesma realidade: a fragilidade daquele órgão que governa cada função da nossa vida.

A partir daquele momento, a neurologia deixou de ser apenas uma disciplina médica.

Tornou-se uma responsabilidade coletiva.

A patologia neurológica não bate à porta.

Entra na vida das pessoas e muda as regras do jogo.

II. Por quê?

Para explicar o que significa viver com uma doença neurológica:

o corpo que não responde;

os limites;

a dependência;

a perda da autonomia;

a redefinição da normalidade.

Não a doença.

A vida em torno da doença. A vida em torno dos outros.

Quem carrega o peso quase nunca é o paciente. O paciente muitas vezes luta sem entender por inteiro o campo de batalha. Quem fica por perto, ao contrário, vê o tempo mudar de forma, aprendendo que cada dia ganho vale mais do que as grandes promessas.

A patologia pode alterar o caminho. Não pode apagar o valor da pessoa.

O amor é a parte essencial disso, além de qualquer mera conquista — e ninguém jamais saberá o que vai lhe acontecer.

Eu passei por isso: transtorno bipolar, de grau indefinido, que no fim se revelou nada mais que uma hipervigilância de infância causada pela minha mãe que, seguindo o velho ditado “surra e bolinho fazem filho bonito”, me encheu de tapas e ligou o equalizador no meu cérebro.

Entender as coisas antes que aconteçam — mas não sou mago nem santo, nem milagreiro.

E, no entanto, perto de quem sofre — depois de perder minha mãe e meu pai para o Alzheimer, e da pergunta: mas quem é esse? Eu não conheço.

III. Epílogo

Uma clínica é um prédio.

Uma comunidade que cuida é algo mais.

É o encontro diário entre pessoas que sofrem, pessoas que acompanham, pessoas que cuidam e pessoas que escolheram assumir a responsabilidade de construir um lugar onde a esperança possa se transformar em método, compromisso e possibilidade.

Estas páginas não falam de um prédio.

Falam das pessoas que passam por ele.

Todos os dias.

IV. Página do autor

Esta obra não foi encomendada.

Não foi vendida.

Não foi feita com fins comerciais.

Foi escrita para dar testemunho do valor da reabilitação, da dignidade humana e da relação entre as pessoas.

O único honorário pedido é um dólar simbólico — não como pagamento pela obra, mas como testemunho de um compromisso compartilhado com uma cultura do cuidado, da esperança e da responsabilidade.

Ferdinando